

# Misericórdia

- um puzzle -



# Misericórdia - um puzzle –

por Paula Jrdão, Missionária Verbum Dei  
Lisboa, Março 2016



# Índice:

Misericórdia.....	7
7 raios de luz da Misericórdia: .....	8
1. Tratar o outro como um “pecador público” .....	9
2. Des-culpar .....	10
3. Per-doar .....	11
4. Re-conciliar .....	14
5. Amizade .....	14
6. Dar a vida pelos amigos .....	16
7. Comunhão de amor .....	17



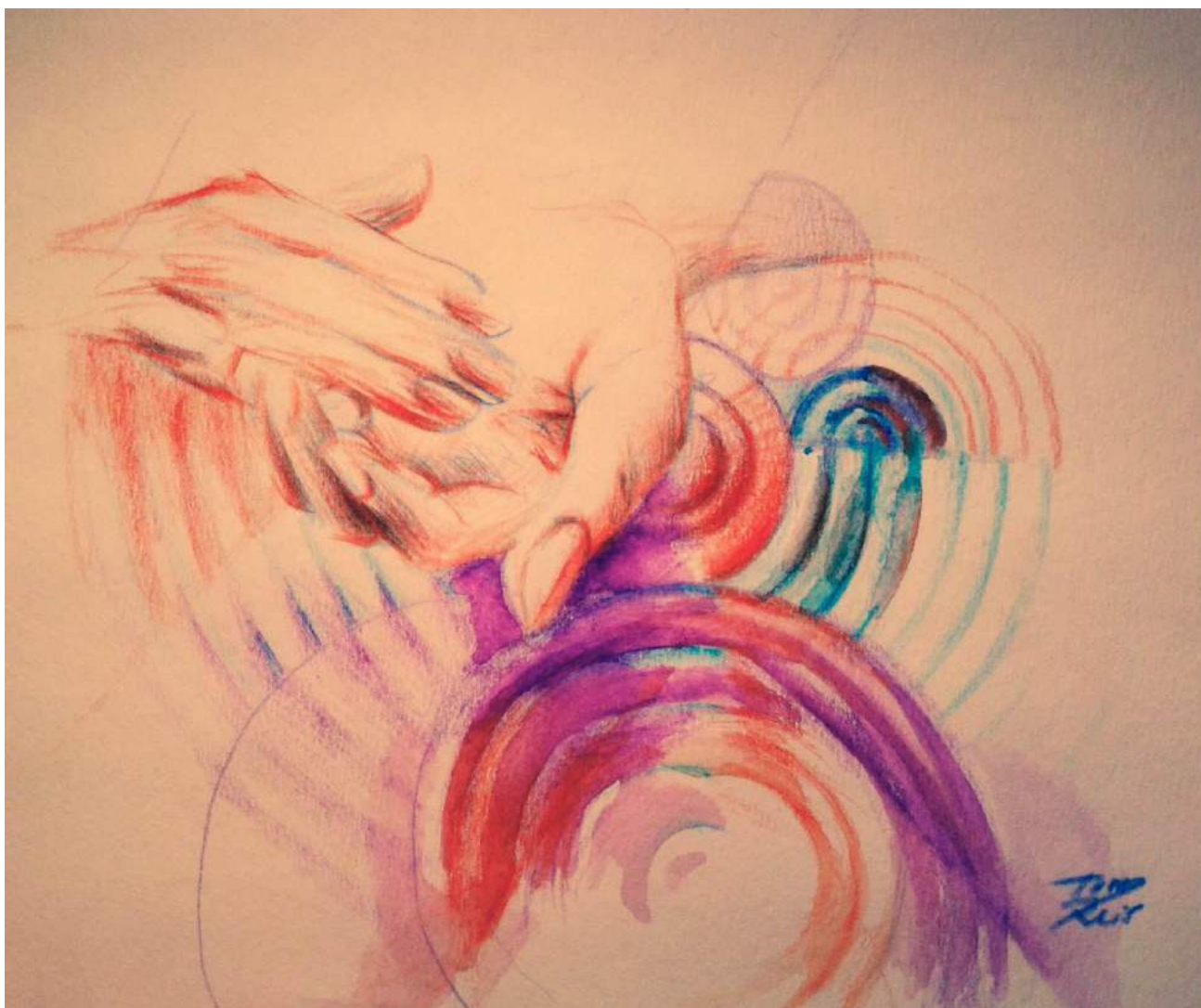


Imagem de Tomás Reis

## **Misericórdia**

A luz parece tantas vezes de uma só cor, no entanto quando incide numa superfície irregular ou num prisma estilhaça-se em inúmeros tons e nuances. Também um puzzle, feito de várias peças. Não será assim com o amor que vem e é Deus, ao qual este ano vamos chamar Misericórdia?

Começámos este ano jubilar, estamos a tomar balanço e sinto no ar um perigo iminente... Delinear e igualar a misericórdia só a perdão... como se apenas fosse o olhar para o outro em situação de falta e dar a mão para levantar, para consertar a falha .

Por muito que isso seja parte da Misericórdia, é só uma tonalidade ou duas, um reflexo do grande clarão que é a Misericórdia. É só uma peça do grande puzzle da Misericórdia.

O Papa na sua Bula Misericordiae Vultus recorda-nos que:

**“Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai.** O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal **misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré.** O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como

«Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, **a sua natureza divina**. Na «plenitude do tempo» (Gl 4,4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, **para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai** (cf. Jo 14, 9). **Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa (Dei Verbum 4) Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.**”

**“Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação.**

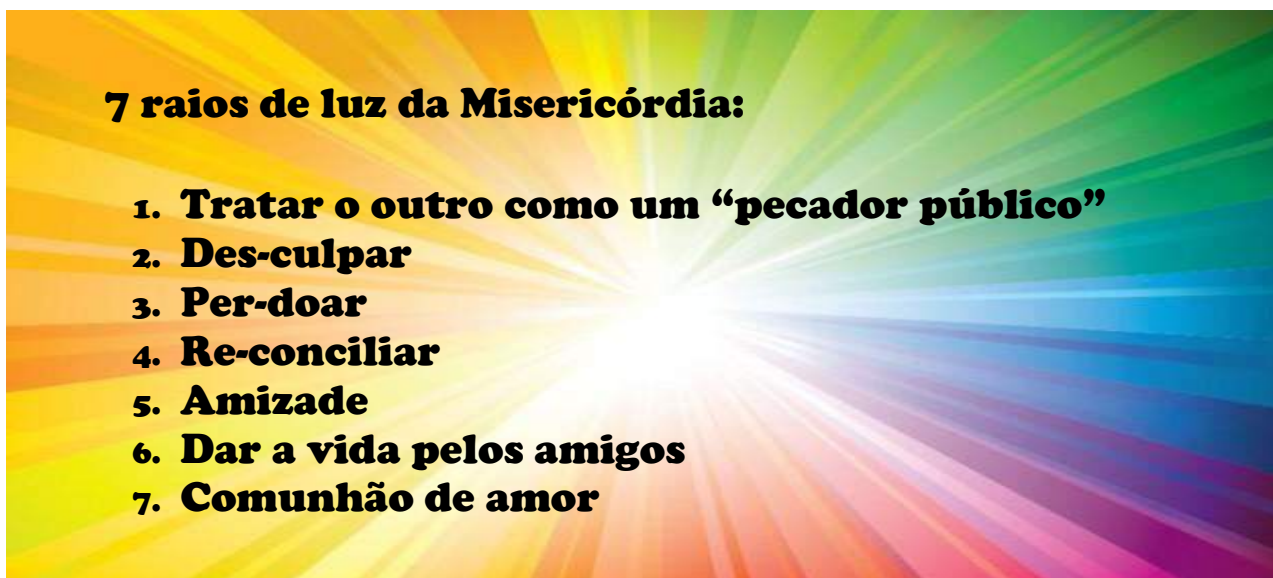
**Misericórdia:** é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.

**Misericórdia:** é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.

**Misericórdia:** é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida.

**Misericórdia:** é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.”

Jesus é o rosto da misericórdia do Pai pelo que há que contemplar esse mistério em tudo aquilo que **Ele foi, fez, disse, amou**. **Só assim** poderemos submergir-nos neste mistério tão completo do amor misericordioso de Deus e não ficar só à tona de água agarrados a uma peça para sobreviver.



Estas sete centelhas de luz podem ajudar a contemplar o mistério da Misericórdia sem atenuar desde o início aquilo que **“é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro.”** Pois, encontrar-se na Misericórdia, ou melhor, tentar fazê-lo, é pedir licença e devagarinho entrar no coração de Deus. É pedir para ficar lá a morar, à sombra da sua luz e saborear a sua ternura.

**Salmo 27, 1. 4:**

**O SENHOR é minha luz e salvação:** de quem terei medo?  
**Uma só coisa peço ao SENHOR** e ardentemente a desejo:  
**é habitar na casa do SENHOR** todos os dias da minha vida,  
**para saborear o seu encanto** e ficar em vigília no seu templo.



## 1. Tratar o outro como um “pecador público”

Em **Mateus 18, 15 -17** fala-se-nos do caso duma pessoa próxima que não quer escutar, não quer mudar de vida, não quer refazer caminho. Nas nossas vidas poderíamos contar tantas dessas situações em que isso nos acontece ou até em que somos nós aqueles que não damos a mão à palmatória.

O que é a misericórdia nesse caso? Qual o amor que Jesus tem por nós quando, na nossa teimosia orgulhosa, bloqueamos a mudança dentro de nós e travamos a reaproximação?

As palavras de Jesus são diáfanas, desafiantes: **“Se o teu irmão pecar, vai ter com ele e repreende-o a sós. Se te der ouvidos, terás ganho o teu irmão. Se não te der ouvidos, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas. Se ele se recusar a ouvi-las, comunica-o à Igreja; e, se ele se recusar a atender à própria Igreja, seja para ti como um pagão ou um cobrador de impostos.”**



Aqui há muitas dicas para a Misericórdia. Tentar e reinventar a relação com o apoio do diálogo, da conversa a sós e do conselho daqueles que são sábios e prudentes e querem o melhor para o outro. E se, ainda assim, aquela pessoa, que posso ser eu, não se abrir a qualquer tipo de relação, de perdão ou reconciliação - permanecendo no seu castelo ciosamente defendido por detrás das muralhas, acobardada pelo que dirão – e não reconhecer que estava errada, que fazer?

A vida é complexa e complexamente deixa-nos demasiado magoados, inseguros, trancados nas nossas desconfianças que teimam em não dissipar-se. E ficamos tantas vezes reféns de nós próprios, sem acreditar nos outros para apostar na relação.

**“Seja para ti como um pagão ou como um cobrador de impostos!”** Estas são as palavras de Jesus.

A misericórdia de Jesus é continuar a dar a essas pessoas, que posso ser eu, a dignidade que têm, o respeito e o valor que se merecem pelo simples facto de serem filhos de Deus, **“amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”.** (MV 2)

Jesus não desistiu nem maltratou os pagãos, nem os cobradores de impostos. Talvez fosse por isso que tantos se aproximaram dele. Será que a Misericórdia tem sempre que conseguir a mudança, a conversão do outro ao nosso ritmo e com as nossas condições?

Somos muito frágeis e a nossa capacidade de nos conhecermos e reconhecermos na verdade amorosa de Deus, que nos faz livres (Cf. João 8, 31-32), está sempre muito ameaçada pelas muitas condições e muros que pomos ao amor que temos uns pelos outros.

Aprender a tratar o outro com consideração, apesar de que objetivamente, e outras vezes no meu parecer subjetivo, está errado e até provoca muito mal... é um grande desafio. Não se trata de tapar o sol com a peneira mas trata-se de não tapar o sol. É que Deus **“faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores.”** (Mateus 5, 45)

Esta experiência que nos dizem que aconteceu na vida de Gandhi pode ajudar a compreender e viver esta realidade:

Quando Gandhi estudava Direito na Universidade de Londres tinha um professor, Peters, que não gostava dele, mas Gandhi não baixava a cabeça.

Um dia o prof. estava comendo no refeitório e sentaram-se juntos.

O prof. disse: - Sr. Gandhi, você sabe que um porco e um pássaro não comem juntos?

- Ok, Prof. já estou voando e foi para outra mesa.

O prof., aborrecido, resolve vingar-se no exame seguinte, mas ele responde, brilhantemente, a todas as perguntas. Então resolve fazer a seguinte pergunta: - Sr. Gandhi, indo o Sr. por uma rua e encontrando uma bolsa, abre-a e encontra a sabedoria e muito dinheiro. Com qual deles ficava?

- Claro que com o dinheiro, prof.!

- Ah! Pois eu no seu lugar ficaria com a sabedoria.

- Tem razão prof, cada um ficaria com o que não tem!

O prof., furioso, escreveu na prova "IDIOTA" e entregou-lha. Gandhi recebeu a prova, leu e voltou:

- Prof. o Sr. assinou a prova, mas não deu a nota!

## 2. Des-culpar

A misericórdia tem outra variação: a des-culpa. Deixem-me estragar um pouco a ortografia para poder des-culpar. Se falamos de desculpar alguém, pelo que a palavra significa, trata-se de tirar a culpa que de alguma forma se colocou. Sim ou não?

E culpa é o peso que a pessoa carrega ou que colocamos sobre os seus ombros por ter pensado, feito, dito ou deixado de pensar, fazer ou dizer alguma coisa errada com consequências negativas. E quantas culpas andam por aí que são muito pesadas e muito falsas, cheias de fantasia recriminatória!

Desculpar é retirar a culpa, não acusar, não imputar, não condenar, não sentenciar. Estamos sempre a perguntar: "De quem é a culpa?" E somos tão rápidos para culpar. Sem pestanejar já fizemos o nosso julgamento sumário. Sem ter clareza dos factos, já ouvimos as testemunhas na nossa imaginação. Já realizámos o filme ainda que nem sequer lá estivéssemos. E, já elaboramos a sentença baseada nas nossas leis tão pouco lícitas e arbitrariamente flutuantes. E quando estamos com a pessoa aplicamos o nosso castigo, tácita ou explicitamente.

De quem  
é a culpa?

A misericórdia é, antes de tudo, aprender a olhar para cada pessoa sem óculos de juiz, nem de acusador público, deixando de procurar, no mínimo detalhe, aquilo que pode servir para acusar. A misericórdia é reverenciar com o meu silêncio verdadeiro e acolhedor que não critica.

Que pouco misericordiosos nos tornámos e sem nos apercebermos a culpa é o cabeçalho e o rodapé do nosso código de conduta:

- é aquela buzina zangada perante uma manobra mal feita;
- é o exigir veementemente que se respeitem as filas do supermercado;

- é olhar com desdém quando a pessoa me pisa no metro;
- é desaprovar quando alguém faz o que eu não gosto;
- é nem sequer sorrir quando aquela pessoa, a quem prometemos amar, chega a casa mais tarde do que o prometido;
- é chamar-me nomes pouco simpáticos quando faço algo mal;
- é o esquecer olhar olhos nos olhos para perceber o que vive a outra pessoa por dentro, mais além do que fez ou deixou de fazer.

**Lucas 6, 36-38: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e servos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco.»**



**NÃO CARREGUE PESO MORTO.**

Não permanecer na culpa que eu atribuo ao outro pelo que fez ou deixou de fazer, ou que me atribuo a mim própria, é vital. Cada pessoa é sempre mais do ato que cometeu, erradamente no meu juízo. Tantas vezes confundimos as pessoas com as suas falhas ou com as suas palavras, ou com o seu passado ou com, o que ainda é mais injusto, com o que outros nos disseram delas. Se fez alguma coisa errada é parvo, se tem culpa é um estúpido, se não viu é um inconsciente.

Des-culpar é uma claridade fundamental da Misericórdia. Às vezes basta descobrir que a pessoa só tem culpa no meu cartório, no meu tribunal e na minha maneira de viver e interpretar as coisas. Outras vezes é objetivo que há culpa e há realmente algo para des-culpar.

Des-culpar é tentar des-carregar o outro do peso que eu lhe coloco e olhar com um olhar mais leve, mais ligeiro, sem fazer pesar sobre ele o jugo da condenação como forma de lidar com a pessoa e com a situação. Afinal é deixar que Jesus, através do seu amor, nos descanse e nos faça capazes de fazer com que outros possam descansar.

**Mateus 11, 28 – 39: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.»**

Senhor, ajuda-nos a aprender de ti. Subjuga-nos, tu, com o teu jugo suave e leve que nos descansa. Liberta-nos dos nossos jugos que nos subjagam com culpas paralíticas e desumanas. Des-culpa-nos e ajuda-nos a des-culpar-nos!

### **3. Per-doar**

Quando realmente há algo que desculpar entramos na Misericórdia como per-dão. Uma vez mais a ortografia pode ajudar a entender esta palavra tão difícil de interiorizar e viver.

Per – significa em latim hiper, algo total e completo.

Dão – não é só vinho, mas sim DOM, alguma coisa dada sem preço.

Assim perdão significa na sua raiz um hiper dom, total e completo, dado grátis.

Alguém ou tu mesmo, fez alguma coisa que objectivamente aleijou, magoou, roubou, destruiu... Se o nosso amor fosse sempre gratuito, o conceito de perdão não teria lugar ou não teria mais lugar do que o amor que sempre se daria e receberia. Mas não é esse o nosso caso, nem o caso do mundo. Como somos tão condicionais no nosso dar e no nosso darmos-nos, precisamos de falar de perdão: esse dar com totalidade o que o outro necessita, dar o que é conveniente para a situação, mesmo quando essa pessoa não o merece, mais além da minha mágoa ou ressentimento.

**«Nós amamos,  
porque Ele nos  
amou primeiro.»  
(1 João 4,10.19)**

Tantas vezes dizemos ou pensamos: esta pessoa não o merece. E tantas vezes, talvez as mesmas ou mais, o pensamos, quase inconscientemente, de nós próprios: eu não o mereço.

Ainda bem que o amor de Deus é sempre per-dão, porque é sempre um dom completo, de acordo com a nossa necessidade e capacidade. Dando tudo, dando tudo o que Ele é, sem medida, sem reservas (Cf. João 3, 34, Lucas 13,21): um hiper dom. Ele vai mais além das leis... e da justiça.

Deus é especialista em dar quando menos se espera e quando não há méritos para reclamar a dádiva. A lógica do dar de Deus tem pouco a ver com a nossa: **«A lei interveio para aumentar a falta, mas, onde aumentou o pecado, superabundou a graça.» (Rom 5, 20)** As nossas leis fazem com que as faltas sejam maiores e estabelecem o erro. Deus, no seu amor, derrama a sua graça e seu perdão, com abundância e a fundo perdido, aí, onde nós esbarramos com o pecado.

Deus sabe que só um per-dão desmedido gera um amor desmedido. É assim que ele sempre nos ama na sua misericórdia. Deus convida, não exige! Com o seu amor possibilita e causa que amemos com a mesma misericórdia. **«É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou... Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro.» (1 João 4,10.19)**

Ele sabe que o nosso coração é descomedido na necessidade que tem de ser amado e na capacidade que tem de amar. No entanto nós reduzimos o nosso espaço e achamos que amar assim, ao estilo e ao ritmo do perdão, é uma loucura. **«Por isso, digo-te que Ihe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama.» (Lucas 7, 36 -50)**



O perdão não tem obrigatoriamente que esquecer; claro que reconhece o mal que sofre, mas, em vez de rejeitar esse mal e procurar culpáveis, tenta aceitar e assumir as consequências do mal feito. Claro está que há que evitar o mal, na medida do possível, remediar as consequências e suprimi-las sem

resignação. No entanto, o convite do amor misericordioso de Deus é tenta amar da maneira que o outro precisa, não da maneira que eu acho que não merece. Isso significa um não à vingança, ao mesmo tempo que reclama um amor inteligente e realista.

O perdão não é um ajustar de contas, mas um desequilibrar a balança para o lado do dom, para encontrar e estender a mão à pessoa que dele necessita. E não esqueças que essa pessoa podes ser tu. Tu diante de Deus, eu diante de mim própria, eu diante do outro a quem preciso de pedir, receber e dar o perdão.

Não te esqueças de perdoar-te a ti próprio e oferecer-te o amor que necessitas. Não te separe do amor que Deus sempre te dá, sem condições. Ele apenas pede que o procures e te abras à sua presença misericordiosa. Mesmo quando não sabes pedir, nem imaginar o que Ele tem para te dar... ele só precisa do teu coração sedento e mendigo.

- **justificação**

Na linguagem bíblica Deus perdoa com um amor que justifica. A sua justiça torna-se justificação. Isto é dar ao outro o que ele precisa para ser o melhor de si próprio. Justificar é dar tudo para que a pessoa viva o sonho de Deus: o sonho de ser feliz, de ser amada e de aprender a amar. O desafio ainda se torna maior, mais alto e mais fundo... mas possível pelo amor de Deus que nos justifica.

**«Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados, de acordo com o seu desígnio. Porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogénito de muitos irmãos. E àqueles que predestinou, também os chamou; e àqueles que chamou, também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou. Que mais havemos de dizer? Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?» (Rom 8, 28 – 31)**

Seja qual for a situação Deus não desiste de nós. Não deixará nunca de nos perdoar, de nos justificar, de nos dar tudo o que precisamos para que sejamos como Jesus, filhos e irmãos. Essa é a justiça de Deus: vê o bem e o mal que fazemos e não nos abandona. Acompanha-nos até que aceitemos o seu dom, o seu perdão e façamos do seu amor a possibilidade do nosso.

Um grande exemplo de isso é aquela famosa passagem do publicano e fariseu que sobem ao templo. Um deles no seu pecado e humildade fica justificado... o outro não.

**Disse também a seguinte parábola, a respeito de alguns que confiavam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais:**

**«Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu e o outro, cobrador de impostos.**

**O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: ‘Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos.**

**Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto possuo.’**

**O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.’**

**Digo-vos: Este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.» (Lucas 18, 9 14)**

## 4. Re-conciliar

Voltar a juntar, a unir, a criar harmonia. Aí onde alguma coisa se quebrou, reconciliar significa des-quebrar, des-partir, re-cobrar, re-vitalizar, re-fazer.



Numa relação que era e deixou de ser por alguma razão, misericórdia é poder voltar a reedificar. Fazer ser o que era, ou melhor. Há muitas situações que isso parece impossível mas há muitas outras em que isso é necessário e impossivelmente possível pela graça de Deus. (Cf. Marcos 10,27) Talvez até numa novidade inesperada ao que era até agora porque o amor de Deus faz sempre novas todas as coisas. (Apoc 21, 5) e o vinho novo é melhor que o anterior (João 2, 5)

A misericórdia não fica só pelo dar sem medida. Procura dar e receber para poder reconstruir. **Misericórdia é reconciliação.** É aquele: **“Tu amas-me?” (João 21,15)**, de Jesus a Pedro depois da Ressurreição, para poder restabelecer a amizade danificada pela negação, cobardia e abandono. Jesus não desiste. Para ele a amizade é essencial e não se pode perder.

## 5. Amizade

Chegámos a um ponto iniludível da misericórdia mas de que raramente se fala. Até aqui acho que estamos todos mais ou menos em sintonia ao falar de misericórdia. É a partir deste ponto que esquecemos que o amor de Deus vai muito mais longe. Deus é o amor que quer criar laços de reciprocidade, de empatia, de partilha, de cumplicidade, de complementaridade, de sintonia na diferença, de pertença e de construção de um caminho juntos na geografia atribulada da existência.

Que pobre é o amor quando se trata de uma estrada só com um sentido. O amor tem como horizonte o “ir e vir”, dar e receber, crescer juntos, ser ajuda adequada, apoio mútuo, desafio para chegar a ser mais e dar tudo. E é aqui que a misericórdia se encontra no seu melhor habitat.

Deus procura interlocutores, quer conversar e conviver connosco num tu a tu. E Deus convida-nos a que as nossas relações com os que nos rodeiam, com aqueles a quem amamos e por quem nos deixamos amar, sejam também de tu a tu.

O outro não é mais porque me ajude nem eu sou menos porque sou ajudado. Noutra momento já se invertem os papéis. Há que sublinhar, que não é a quantidade que se dá que define o amor. O amor cresce com a qualidade: da comunicação, de deixar o outro entrar nos labirintos da minha interioridade, nos nevoeiros dos meus medos e de escarmos juntos as montanhas dos meus sonhos.

O amor joga-se no compromisso de arriscar a amizade por dizer a verdade que quer libertar e desamarrar. Define-se na capacidade de partilhar o nosso tempo, o nosso dinheiro e os nossos abraços cheios de talento. O amor expressa-se no passar das horas, na distância que se reencontra no mesmo cais onde dissemos adeus ou no dia a dia cheio de conversas e silêncios reveladores. O amor que é amizade precisa de ser aceite, correspondido, transformado em relação e construção duma casa feita sobre rocha que tenta sobreviver à erosão dos ventos, das chuvas e das torrentes

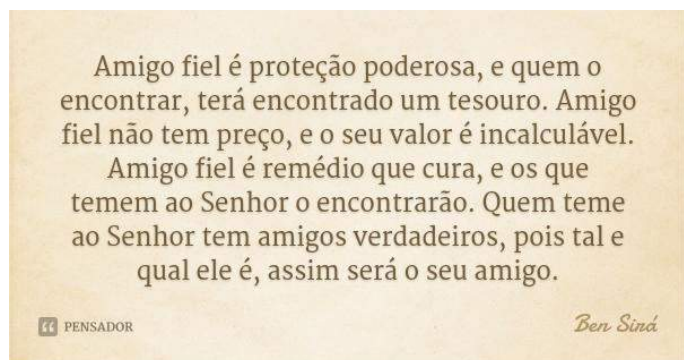


mais violentas. (Cf. Mateus 7, 24-27)

Não será esta a melhor maneira de entrar no mistério de Deus que é misericórdia? Assusta-me, e daí vem o perigo iminente de que falava ao principio, que consideremos a misericórdia como uma substância que se ativa quando há falta de alguma coisa. Como uma máscara de oxigênio que cai nos aviões – isso dizem, porque nas minhas viagens nunca as vi em ação, graças a Deus – como se no resto da viagem não precisássemos de respirar o ar puro do amor amigo que nos faz viver e desabrochar, dando o melhor de nós próprios.

**«Um amigo fiel é uma poderosa proteção; quem o encontrou, descobriu um tesouro. Nada se pode comparar a um amigo fiel, e nada se iguala ao seu valor. Um amigo fiel é um bálsamo de vida; os que temem o Senhor acharão tal amigo. O que teme o Senhor terá também boas amizades, porque o seu amigo será semelhante a ele.» (Ben Sirá 6, 14-17)**

A misericórdia salva a amizade, mas a misericórdia sem amizade não chega à maturidade, permanecerá sempre em flor sem chegar a ser fruto. Se caímos na falácia e no abismo de que a misericórdia supõe sempre uma falta, entraremos no círculo vicioso de ter que cometer um pecado, de fazer alguma coisa mal para ganhar o olhar de Deus ou dos outros – como uma criança que precisa de se portar mal para chamar atenção e ter assim o carinho dos pais. O amor misericordioso de um pai não precisa de um mau comportamento para fazer com que a criança se experimente amada incondicionalmente. É mais o amor nas situações habituais, despreocupadas e quotidianas que ensinará à criança que o amor dos pais é constante, atento, total e por tanto cheio de misericórdia.



A misericórdia de Deus é algo muito mais bonito e ilimitado do que o perdão ou a justificação. Jesus declara-se nosso amigo. **«Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai.» (João 15,15)**

Só acolhendo e respondendo a esta amizade poderemos experimentar esta realidade tão profunda e radical de um amor misericordioso que nos procura pelo que nós somos e não por aquilo que nós fazemos mal ou deixamos de fazer.

Esta é a grande diferença entre a relação que temos com os nossos amigos ou com o canalizador ou senhor da caixa do supermercado. Pois é, isto é claro... Mas, como é a tua relação com Deus? Só o chamas quando algum cano se entope? Ou quando precisas de conseguir uma graça especial? Ou ele é aquele com quem queres partilhar a vida?

Deus quer dizer-nos o mesmo que aquele pai da parábola disse ao filho mais velho: **«O pai respondeu-lhe: 'Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu.» (Lucas 15, 31)** Viver na misericórdia de Deus é abrir-se a cada momento da vida a esse amigo que quer fazer parte do nosso dia, das nossas decisões, dos nossos queixumes e das nossas conquistas. Ele quer dar-nos tudo o que tem e é, estar onde nós estamos... e connosco atravessar a maré da vida. Não será isso

que faz de um amigo um amigo? Que declaração de misericórdia tão densa e profunda esta de Deus, ao dizer que tudo o seu é nosso...

## 6. Dar a vida pelos amigos

«Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos.» (João 15, 13)

Surpreende que no Evangelho de João a maior prova de amor seja dar a vida pelos amigos. Parece ser que na nossa constelação cristã colocamos sempre a estrela que mais brilha no amar os inimigos. No entanto parece que necessitamos entrar noutra galáxia e descobrir a órbita de significado e de vida que encerra esta afirmação: **“Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos.”** E Jesus continua, **“Vós sois meus amigos se fizerdes o que Eu vos mando.”**



Que queres dizer com isto, Senhor? Primeiro não fiquemos atolados no “fazer o que vos mando”, como se isso nos remetesse para uma relação de obediência servil. Jesus está num contexto de amizade e de despedida. De entregar a vida por aquilo que é mais valioso para ele e por isso põe a sua amizade como penhor da nossa escuta. É que se escutarmos e vivermos as suas palavras, viveremos na abundância da sua vida cheia de alegria misericordiosa; senão, por muito que ele nos ame, isso não acontecerá.

Jesus diz que nos ama tanto que dá a vida por nós, seus amigos. Convida-nos, empurra-nos e desafia-nos a sermos seus amigos, a sermos amigos sinceros dos nossos amigos ao longo do caminho da vida e a dar a vida por Ele e por eles. Esta é a grande misericórdia.

Para isso necessitamos reconhecer que este horizonte está inscrito no nosso código de amizade e de relações em família. Necessitamos reconhecê-lo e agradecer-lo, agradecer profundamente o poder ser amigos. Precisamos como essência de dar a vida pelos nossos amigos, de tentar que as nossas amizades sejam cheias de vida partilhada, nas boas e nas más horas, nas duras e nas maduras e sempre.

Dar a vida é uma frase muito cheia... cheia de muita coisa ou de nada, pelo que não tem que ser uma frase feita de fumo nem etérea. Dar a vida pelos amigos traduz-se, no dia a dia, naquele telefonema sem tempo cronometrado, naquela escuta despreziosa deixando que o outro revele a alma, naquele oferecer silenciosamente a promessa de que sempre podes contar comigo ainda que isso já esteja mais do que provado.

Dar a vida nesse procurar-te porque sim e ser espelho da beleza que encerras e às vezes destapas timidamente sem precisares de me provar que “és muito bom”!

Dar a vida nessas palavras que discretamente elogiam o teu percurso de vida que se fez tortuoso mas onde mostraste a tua magnanimidade.

Dar a vida nesse estar ao teu lado mesmo quando os teus erros pessoais invadiram o teu espaço vital. Dar a vida nesse deixar-me abraçar quando os meus erros me nublam a sensatez e põem em



perigo a minha integridade.

Dar a vida nesse ser espaço de receptividade do teu desejo de dar tudo e saber que sou mais rico porque tu partilhas a minha estrada.

Dar a vida quando a doença ameaça o futuro e a alegria amanhece mais incerta e insegura.

Dar a vida nesse procurarmos juntos o sonho de Deus no sonho da vida que é maior do que nós... ainda que a sombra apareça mais forte do que a luz.

Dar a vida nesse recordar-nos mutuamente que somos, uns para os outros, rosto da amizade que é misericórdia do Deus amor, que nos chama amigos e dá a vida por nós.

Que misericórdia tão intensa aquela que dá a vida pelos amigos e recebe a vida que os amigos dão por nós. Porquê? Só porque sim.

## 7. Comunhão de amor

Faltava uma pessoa muito importante – Maria. Ela ao longo da sua vida leva-nos muito longe no caminho da misericórdia. Ela albergou dentro de si, experimentou e deixou-se iluminar pela luz com todas as suas nuances de misericórdia.

**O que é a misericórdia?** Quando olhamos para a vida de Maria podemos descobrir que é comunhão de amor. Ela entrega-se totalmente àquele que se lhe entregou e entrega de novo, totalmente, sem interrupções nem voltas atrás.

A experiência de misericórdia transforma-se em comunhão e compenetração. É interioridade habitada, compartilhada e magnificada. Experiência tão grande que Maria encontra-se em Deus como o sal faz parte do mar. Aonde começa um e aonde acaba o outro é impossível de delinear. No entanto, Maria não perde a sua identidade. Bem pelo contrário, é ela própria porque o seu ser é simplesmente ser ao ritmo daquele que a criou, amou e chamou cheia de misericórdia, cheia de graça. Daquele que põe o olhar sobre a sua pequenez e humildade. E Maria atreve-se, atreve-se a jogar toda a sua vida, a sua “autorrealização”, o seu futuro e a sua esperança numa só carta – **«Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» (Lucas 1, 38)** Eis a serva do Senhor – diz Maria – faz em mim, comigo e através de mim o que tu sonhas.

Não amarremos a misericórdia, deixemo-la ganhar asas dentro de nós e voemos com o seu impulso.

**«Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.» (João 19, 26 – 27)** Que terá sentido Jesus ao ver ali a sua mãe e o seu discípulo amado no momento mais difícil, crucial e decisivo da sua vida? Comunhão de amor, de vontade, de sonhos, de dor... de amar juntos os caminhos de Deus que passam pelo incompreensível. Mas muitas vezes não há que compreender, só há que amar, amar-se e deixar-se amar pela misericórdia que é comunhão de amor.

Uma das maiores grandezas da misericórdia é criar comunhão de amor com aquelas pessoas que



amamos e nos amam também, para que juntos sejamos expressão de amor e serviço incondicional.

Que maior loucura de misericórdia pode existir do que querer enlaçar vida com outra pessoa numa comunhão de amor para constituir família? Que maior misericórdia que fruto desse amor se queira dar vida a novas vidas, sabendo que o futuro sempre chega cheio de esperança e de incertezas?

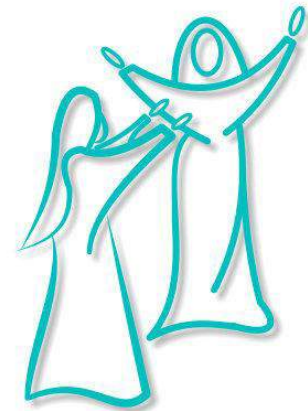
Que maior misericórdia podemos tentar desenhar que aquela de fazer da vida seguimento de uma chamada que é de Deus para ser para os outros?

É que Deus cheio de misericórdia precisa, quer precisar da nossa misericórdia porque nos quer fazer canais da sua misericórdia. Ele quer que nós sejamos frequências diferentes da sua própria luz.

São Paulo resume a sua experiência da misericórdia de Deus nestas palavras cheias de comunhão de amor: **«Dou graças àquele que me confortou, Cristo Jesus Nosso Senhor, por me ter considerado digno de confiança, pondo-me ao seu serviço, a mim que antes fora blasfemo, perseguidor e violento. Mas alcancei misericórdia, porque agi por ignorância, sem ter fé ainda. E a graça de Nosso Senhor manifestou-se em mim com superabundância, juntamente com a fé e o amor que está em Cristo Jesus. Eis uma palavra digna de fé e de toda a aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. E justamente por isso alcancei misericórdia, para que, em mim primeiramente, Cristo Jesus mostrasse toda a sua magnanimidade, como exemplo para aqueles que haviam de crer nele para a vida eterna.»**

Não há maior amor que este. Deus que na sua misericórdia faz de nós centelha, reflexo, rosto e expressão da sua misericórdia: **acolher o outro como “pecador público”, des-culpar, per-doar, re-conciliar, habitar a amizade, dar a vida pelos amigos e viver em comunhão de amor.**

Só podemos com Maria, juntar-nos ao seu cântico e proclamar com ela a misericórdia de Deus: **«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem.»** (Lucas 1, 46-50)





## **Fraternidade Missionária Verbum Dei Lisboa**

Rua José Lins do Rego, n.º 7 – 1.º Dto.  
1700-262 Lisboa  
Tel: 21 795 09 57

---

### **Casa da Palavra**

Largo João Vaz, n.º 15  
1700-251 Lisboa

---

### **Vale de Lobos**

Rua Professora Rosa Génio Alves, n.º 7 - Sabugo  
2715-395 Almarginem do Bispo  
Tel: 21 962 42 84

---